

AXIS VERTENTES

Ano IV · Edição VI
JUNHO / 2021



*Os novos espaços de
evangelização
no mundo com pandemia*

Revisão das Obras

*Administração dos bens temporais
nos Institutos de vida consagrada:
um serviço eclesial*

Editorial

Ainda em tempos de pandemia, vacinados ou não, boa parte da população mundial, em especial, a mais vulnerável, continua envolta em incertezas humanas agravadas pela crise sanitária. Sendo assim, e ainda com enorme parcela da população brasileira e mundial sem um imunizante, cabe-nos centrar, com vitalidade, esforços na prática evangélica de defesa de um mundo provido de justiça e com recursos essenciais acessíveis a todos, nossos irmãos e irmãs. É compromissado com o próximo e, cristãmente orientados pelo versículo “àquele a quem muito se deu, muito será pedido” (LC, 12-48) é que, cada um de nós, deve ficar atento à responsabilidade de bem gerir, em prol da vida, os bens e os encargos que nos foram, pessoal ou institucionalmente, confiados.

Na conseqüente escalada de necessárias reinvenções e novos olhares, é que o Grupo Axis tem, cada vez mais, atuado próximo às entidades eclesiais, tanto no Brasil, quanto no exterior, como suporte técnico às decisões que, na maioria dos casos, clamam por ações devidamente discernidas e embasadas tecnicamente. Imbuídos deste compromisso, apresentamos mais uma edição da revista Vertentes, uma publicação especializada que se propõe a ser uma referência no suporte às dimensões estratégicas e gerenciais do segmento religioso católico.

Nesta edição, são apresentadas questões gerenciais que tratam do convite que o Santo Papa e diversos Governos Gerais fazem aos entes eclesiais quanto à necessidade urgente de revisão das obras. Nessa trilha, com a propriedade de ser partícipe de um instituto religioso e, há alguns anos residindo na Itália, uma das articulistas destaca a necessidade de uma administração, para o bem da Igreja, que seja escrupulosa, responsável e que simbolize, dentre outras questões, um testemunho de coerência e desapego. Também numa vertente de “oxigenação pessoal e organizacional” são apresentados argumentos consistentes quanto à possibilidade de as entidades católicas, pensando num provimento futuro, realizarem investimentos responsáveis e ou de impacto socioambiental, sem abrir mão dos seus fins evangélicos.

Na consciência dolorosa do desafio pandêmico, um dos articulistas, e representante do clero, apresenta esperanças para que não sigamos, sem critérios, a

“onda de soluções”, mas que sejamos capazes, “de forma cristã, ética e responsável, de encontrar meios para comunicar a fé e tornar Cristo vivo e presente através de nós e nossas ações”.

Quanto às recentes mudanças realizadas pelo Sumo Pontífice na estrutura e legislação da Igreja, destacam-se dois artigos provocadores. O primeiro, a partir do reconhecimento do Ministério da Catequese, propõe que esse seja um instrumento motivador, para atração de novos membros às diversas pastorais e, especialmente, para aspirantes à vida sacerdotal e ou à vida religiosa consagrada. O segundo baseia-se nas mudanças ocorridas no Código de Direito Canônico, quanto às sanções na igreja, destacando que “não há misericórdia sem correção”.

Numa visão, para alguns, até pouco tempo, dita como futurista, um dos artigos aborda a *blockchain*, tecnologia disruptiva que trará mudanças significativas a inúmeras operações do nosso dia a dia. A presente edição da Vertentes traz, ainda, um artigo acerca das comemorações, em 2021, dos 700 anos da morte do poeta Dante Alighieri, conhecido como o “poeta universal”, linguista, político e “pai” da língua italiana, idioma oficial da igreja e estudado por inúmeros religiosos, religiosas e membros do clero.

No sincero intuito de continuarmos contribuindo com reflexões para auxiliar no discernimento, bem como trazendo soluções e alternativas para os entes eclesiais, lhes desejamos uma boa leitura!





Fonte PIXABAY: Mãos em Oração

OS NOVOS ESPAÇOS DE EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO COM PANDEMIA

Por Pe. Nivaldo Magela Rodrigues, Me.¹

A pessoa e suas relações

No início do ano de 2020, não se calculavam os riscos e consequências da pandemia. Era um fato distante, mas que despertava atenção pela capacidade de transmissão do vírus e os riscos crescentes de sua disseminação. Em seguida, os conhecimentos da medicina se demonstraram limitados diante da nova ameaça.

¹ - Mestre em História e Bens Culturais da Igreja/ Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma

Hospitais foram erguidos em poucos dias e houve esvaziamento de ruas e comércios. Soluções como distanciamento social, confinamento em residências e isolamento de indivíduos dentro de suas próprias casas surpreendiam a todos. Posteriormente, assistimos o alargamento do “território” da Covid 19. Se antes olhávamos para o oriente assistindo ao drama, a pandemia começou a se aproximar com casos muito próximos.

Abruptamente fomos assaltados pelo uso obrigatório de máscaras, que afetava a conhecida simpatia, espontaneidade e sociabilidade do brasileiro. Do uso da máscara, passando pela utilização do álcool gel frequentemente, chegamos ao isolamento social, fechamento de escolas e comércios em pouco tempo. Formava-se, assim, um novo modo de viver, que parecia ser por pouco tempo, mas que, ainda hoje, seguimos, inseguros diante de índices alarmantes de contágio e mortes.

A pandemia abriu uma ferida no ideal de progresso constante e otimista, e, ao mesmo tempo, insustentável.

*A atual pandemia feriu mortalmente os modernos messianismos da ciência e do progresso, o estado de bem-estar neoliberal, a segurança e a afirmação de Fukuyama de que agora chegamos ao fim da história.*²

Este messianismo em queda provoca o homem a assumir uma nova antropologia, um novo modo de ser e novas perspectivas. O isolamento, o confinamento, o distanciamento social, a proximidade da morte, tudo isso nos fez repensar as metas pessoais e os anseios sociais. Sem dúvida, a pandemia propicia revisões existenciais, sociais e econômicas, pois atinge a existência, as relações sociais e a economia.

Diante deste quadro acelerado de mudança provocada pela Pandemia mundial, surgiram novos desafios para Evangelização e se intensificaram reflexões, estudos e discussões. O que está acontecendo? O que devemos fazer? São questões que ainda estão em processo e provocam a comunicação do evangelho, a evangelização.

Sozinhos não podemos.

O Papa Francisco no Pacto Global pela educação afirma³ *“é necessário construir uma aldeia da educação, onde, na diversidade, se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas. Como afirma um provérbio africano, para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira.”*

A construção existencial não é pessoal e isolada, mas uma sinergia: a identidade de uma pessoa é construída coletivamente (família, amigos, escola, sociedade). É prematuro dizer que está surgindo uma nova antropologia da busca e do encontro, pois o isolamento pode *educar equivocadamente* para um crescente individualismo.

As religiões e as religiosidades supõem uma sinergia entre a construção individual e a contribuição coletiva. O Catecismo explica a importância entre o “Creio e nós cremos”. Para a fé cristã, o coletivo é determinante para a construção do indivíduo.

Um dos desafios da evangelização neste tempo pandêmico é refletir e contribuir com a reconstrução do indivíduo a partir do coletivo. O isolamento e o confinamento podem levar a uma convicção equivocada de que o indivíduo pode sobreviver isolado. A evangelização deve ser capaz de repropor a dimensão comunitária e criar espaços relacionais.

2 - <https://observatoriadaevangelizacao.wordpress.com/2021/03/01/a-pandemia-e-um-sinal-dos-tempos-que-nos-leva-a-voltar-ao-ethos-do-reino-e-a-fraternidade-com-a-palavra-o-teologo-victor-codina/> Acesso: 08 de maio de 2021.

3 - <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papas-escola-magisterio.html> Acesso: 08 de maio de 2021.

O Pacto Global da Educação contribui diretamente nesta reflexão⁴: Construir uma aliança entre escola, família e sociedade; Educação que coloque a pessoa no centro; Educação que gere compromisso comunitário; Educação comprometida com o Diálogo e a Paz; Educação Comprometida com a Economia Solidária; Educação Comprometida com a Ecologia Integral.

Estes compromissos não se aplicam somente às escolas, mas são convites para que as comunidades de fé se tornem formativas e educativas.

O Espaço das redes e mídias

A presença nas redes e mídias exige cuidados éticos e cristãos. O uso das mídias como meio de evangelizar, no tempo da pandemia, ampliou o espaço virtual de evangelização e o risco da religião e a religiosidade se tornarem um produto comercializável.

A tecnologia e as redes sociais determinam configurações antropológicas pessoais e coletivas de notável relevância na grande cidade. A metrópole deve ser considerada não tanto como um espaço territorial, mas principalmente como um processo ativo. A tecnologia é parte constitutiva dela e sê-lo-á cada vez mais. Num estudo realizado por M. Castells com jovens catalães dos 15 aos 30 anos, constatou-se que a internet cria vínculos frágeis e, ao mesmo tempo, permite ativar laços fortes. Mas o tecido da Igreja está fora da internet, e isso cria problemas dado que os jovens se exprimem dentro dela.⁵

As novas tecnologias, redes e mídias não são apenas um lugar, mas um novo modo de pensar e ser. Este é um grande desafio à comunicação da fé. A ausência de reflexão pode desvirtuar o compromisso ético da Igreja. Não se trata de usar o meio para comunicar e potencializar as ações, mas de agir neste meio que revoluciona a existência humana, mantendo a própria identidade.

Nestes meios, multiplicam-se iniciativas criativas para o anúncio da fé e captação de recursos. Aliás, as iniciativas já existiam, mas se ampliaram com justificativas plausíveis para garantir a manutenção da fé, da caridade/solidariedade e sustento das próprias igrejas. Essas iniciativas se capilarizaram nas redes, ou seja, grupos, comunidades, usam recursos de mídias para darem visibilidade às suas ações e se sustentarem economicamente.

Houve uma acelerada qualificação do uso dos recursos de rede e mídias e crescente democratização destes espaços (transmissões; produções de programas e uso de ferramentas de captação de recursos, por exemplo, Pix).

Este espaço cada vez mais ativo das redes e mídias deve ser meio de atuação e evangelização. Não pode ser apenas instrumento para ampliar a visibilidade, mas lugar efetivo de agir, pensar e manter o compromisso ético fundado nas verdades cristãs, evitando reduzir a evangelização à mídia marketeira.

Potencialização da Solidariedade

Logo no início da pandemia, as redes se tornaram meios essenciais para divulgar iniciativas criativas e efetivar a solidariedade: - ajuda a idosos confinados; - socorro a jovens precarizados por falta de internet e meios de acesso (celular ou computadores) e outras. Junto a esta solidariedade cresceu também a exploração de sentimentos (dor, morte, inseguranças, reencontros etc.).

A nova evangelização deverá educar para a solidariedade e acolher as demandas psicoemocionais. Um desafio renovado: evangelizar, provocar a solidariedade, realizar a caridade e cuidar pessoalmente daqueles que sofrem. Precauções necessárias: - evitar atitudes irrefletidas que resultariam em assistencialismo vazio; - que o cuidado psicoemocional não se transforme numa esperança vazia.

4 - Cf.: <https://www.educationglobalcompact.org/>

5 - TARRECH, Armand Puig e BARNOSSEL, Joan Planellas. Documento de síntese, p. 402 in: Pastoral das Grandes Cidades – Atas do I Congresso Internacional. Portugal: Paulus Editora, 2016

A Igreja deve se comprometer com a solidariedade sustentável: conhecer a realidade social, encontrar meios para sustentabilidade da ação e devolver ao sujeito a autonomia e o direito de obter os próprios recursos para viver. Assim, as ações solidárias devem ser evangelizadas.

Por outro lado, a solidariedade presente nos meios sociais e não cristãos podem nos ensinar a qualificar a própria ação da Igreja. As iniciativas são criativas e encontram muitas oportunidades de prestar serviços solidários e humanitários.

O cuidado psicoemocional será um desafio para a evangelização e a pastoral. Construir um sentido de vida e reconstruir a esperança. Isso exigirá comunidades abertas e acolhedoras, agentes conscientes e proativos: ser uma Igreja Samaritana⁶.

O Pacto Global pela Educação, que tem o Papa Francisco como grande promotor, nos dá algumas diretrizes importantes: Educação Comprometida com a Economia⁷ e Educação Comprometida com a Ecologia Integral.



6 - http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso: 10/05/2021

7 - Nota sobre Educação comprometida com a Economia. A Doutrina Social da Igreja e o Magistério dos últimos papas (Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco) estão na linha da preocupação social e econômica inaugurada pelo Papa Leão XIII na Encíclica Rerum Novarum (15/05/1891). Portanto, não se trata apenas de educar para a economia nos atuais padrões global, imediatista e consumista, mas de uma economia solidária existencial, na qual está no centro o homem, a comunidade, a solidariedade, o respeito ao meio ambiente, a sobriedade na aquisição e uso de bens, capaz de gerar bem-estar social e existencial a todos. Uma economia materialista valoriza o homem enquanto produz e o critério existencial está na capacidade de consumir: consumo, logo existo. Portanto, a proposta atual do Papa Francisco – que está na linha da Doutrina social da Igreja – quer refletir sobre uma nova economia fundada na pessoa e na construção coletiva de uma sociedade solidária, onde o trabalho é direito humanitário e, do ponto de vista da fé, participação na obra da criação (Papa João Paulo II: Laborem Exercens, 14/09/1981).

O espaço da morte, o direito da despedida e o descanso eterno

No século XIX, surgiram preocupações sanitárias sobre o sepultamento em igrejas e lugares de culto. Aconteceu um processo de sanitização e secularização da morte, que resultou na implantação de velórios e cemitérios públicos.

A convivência imediata entre vivos e mortos se modifica. A morte deixa de ser doméstica e inserida no seio familiar, tornando-se um dever sanitário público. O local do sepultamento se distancia da vida das pessoas, e os cemitérios evoluem para se tornarem jardins e parques.

O ocultamento da morte pode levar à indiferença com a morte do outro e, portanto, relativização do valor da própria vida, levando a negligenciar a existência.

A morte na pandemia provoca desafios dolorosos. Não se trata somente de morrer de Covid, pois mesmo as outras causas de morte obrigam à realização de velórios e sepultamentos rápidos, para evitar aglomerações. Mortes sem despedidas, sentimentos de dor sem expressão simbólica.

A morte e a acolhida são desafios para a evangelização. Nenhum plano de assistência, em situação de risco, previa uma calamidade tão ampla. Nunca a humanidade precisou lidar com uma realidade tão complexa e generalizada.

Recentemente, o desastre de Brumadinho, Minas Gerais, (25/01/2019) fez perceber o quanto é desafiadora a assistência nestes casos de tragédia, que envolvem muitas pessoas. O desgaste emocional dos profissionais e voluntários, a constante exposição à dor alheia, a necessidade de repensar a própria vida, causam inquietações e problemas de saúde física e mental.

A Igreja foi efetiva de diversos modos em Brumadinho: assistência solidária, campanhas financeiras, acompanhamento humanitário e emocional, simbolização da dor num memorial (construção de um santuário para recordar as vítimas). A comoção e a busca de soluções foram efetivas.

No entanto, diante da pandemia Covid-19 não conseguimos ainda dimensionar os impactos e, portanto, propor soluções amplas. A comoção inicial foi se arrefecendo, nalguns gerando displicência e descaso. A simbolização da dor ainda está nos números crescentes de mortes. As narrativas trágicas ainda criam impactos constantes.

Como evangelizar, neste momento, para o sentido da vida e ampliar a esperança? Como pensar a morte? Como acompanhar os enlutados de velórios sem corpos e sepultamentos sem ritos? A evangelização deverá cuidar deste processo. Adentrar nos corações e dar voz aos sofrimentos e inquietações. A consolação e o cuidado pessoal são elementos importantes para evangelização.

Para uma nova evangelização, o espaço arquitetônico deverá ser repensado e dimensionado: acolher novas formas de relacionamentos e ampliar espaços de convívio.



Espaço arquitetônico – espaço de encontro e relações

As normas higiênicas interferiram em outros tempos na configuração dos espaços da Igreja. Normas de distância, limitação de público presente, cuidados preventivos, leis sanitárias públicas interferindo no desenvolvimento do culto (retirar água benta, como administrar os santos óleos, a comunhão aos fiéis...), a exposição às redes e mídias, implantação de novos recursos tecnológicos... são muitas as mudanças que afetam a configuração do espaço arquitetônico de uma Igreja. Normalmente, as nossas experiências construtivas se voltam para a realização do culto, prestação de serviços imediatos (secretaria) e desenvolvimento de atividades de interesse (catequese e encontros).

Muitas experiências arquitetônicas no mundo já se modificaram. Os espaços estão se configurando com atenções múltiplas: - cafés, lanchonetes; - espaço de esporte e lazer; - espaço ampliado para a convivência; - espaço pessoal (oração e leitura). Não se trata de uma nova arquitetura, mas de criar espaços relacionais e de acolhimento.⁸

Para esta nova configuração, será necessária a paciência histórica da Igreja e a construção de projetos longos e sustentáveis. Nada de imediatismos nas construções e reformas. Nada de rompimento de projetos globais por gostos pessoais. Para estes projetos, a captação de recursos não é imediata e a execução exige responsabilidade financeira e administrativa.

No entanto, esses desafios indicados neste artigo não podem paralisar as ações. Pelo contrário, mesmo precariamente, as ações de convivência, de conscientização, de corresponsabilidade histórica e sustentabilidade devem acontecer.

Diante de tantos desafios citados (novas tecnologias, economia solidária, acolhimento psicoemocional, o desenvolvimento do pensamento ético e crítico etc.), devemos pensar os espaços como acolhedores, evangelizadores e promotores de ações qualitativas.

⁸ - Modelo de São Felipe Nery, ou seja, os oratórios: crianças e adolescentes recebiam instrução da fé, educação e convivência lúdica. Mais tarde São João Bosco assumirá projeto similar com crianças jovens nas obras salesianas.



Nova evangelização ou comunicação do evangelho⁹

O tema da nova evangelização é uma preocupação frequente no pensamento da Igreja. Há muitos estudos e indicações de que devemos já as assumir.

No artigo “A Paróquia à Luz da Instrução”¹⁰, o bispo de Leopoldina, Minas Gerais, Dom Edson Oriolo, resume algumas ações propostas pela Instrução da Congregação para o Clero na *Instrução A Conversão Pastoral – Da Comunidade Paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja*:¹¹ - abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé; realizar “reformas espirituais, pastorais e

também institucionais” “requer que as comunidades eclesiais sejam comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo Mestre e Pastor” ; “vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” e, finalmente, que “às exigências do mundo de hoje com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes e a procura dos meios necessários que permitam que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos”.

9 - Sobre o uso destas terminologias Nova Evangelização e Comunicação da Fé: BORRAS, Alphonse A Comunicação do Evangelho na Grande Cidade: espaços, agentes, condições. p. 252 In: Pastoral das Grandes Cidades – Atas do I Congresso Internacional. Portugal: Paulus Editora, 2016.

10 - Cf.: <https://dioceseleopoldina.com.br/a-conversao-pastoral-da-comunidade-paroquial-a-servico-da-missao-evangelizadora-da-igreja/> Acesso: 10/05/2021

11 - <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/notizie/new14.html>

O Papa Francisco além das pistas deixadas e convites à conversão presentes na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), no discurso final do Congresso sobre a Pastoral das Grandes Cidades, apresenta 02 propostas concretas: ¹²

Uma primeira proposta: sair e facilitar. Trata-se de uma verdadeira transformação eclesial. (...) Uma mudança de mentalidade: do receber ao sair, do esperar que venham ao ir à sua procura. (...) Tornar acessível o sacramento do Batismo. Igrejas abertas. Secretarias com horários para as pessoas que trabalham. Catequeses adequadas nos conteúdos e nos horários da cidade. Uma segunda proposta: a Igreja samaritana. Estar presente. Trata-se de uma mudança, no sentido do testemunho. Na pastoral urbana, a qualidade será conferida pela capacidade de testemunhar por parte da Igreja e de cada cristão. Quando dizia que a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração, o Papa Bento XVI falava precisamente disto. O testemunho que atrai, que desperta a curiosidades das pessoas. Aqui está a chave! Mediante o testemunho.

Por fim, a nossa compreensão é que a pandemia se tornou um grande desafio para acentuarmos as nossas reflexões e buscarmos, de forma criativa, novos caminhos. Não podemos apenas seguir a onda de soluções, mas sermos capazes, de forma cristã, ética e responsável, de encontrar meios para comunicar a fé e tornar Cristo vivo e presente através de nós e nossas ações.

O momento é doloroso, mas também de esperança e criatividade sob a ação do Espírito Santo, que inspira abertura corajosa, ações coletivas e comunitárias, pois a transformação do mundo e a comunicação da fé não se fizeram e não se farão por esforços individuais e isolados.



Pe. Nivaldo Magela Rodrigues

Mestre em História e Bens Culturais da Igreja/ Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma, graduação em Filosofia PUC MG. Ex-Assessor da Secretaria Municipal de Cultura de Sabará. Experiência de coordenação pedagógica e ensino: PUC MG, Colégio Santa Maria (BH MG), Colégio Franciscano Coração de Maria, Colégio Educar. Atualmente, Administrador Paroquial da Paróquia Cristo Redentor / Diocese de Garanhuns e Vice-Diretor do Colégio Diocesano de Garanhuns/PE.

¹² - http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso: 10/05/2021